

PROGRAMA EDUCATIVO

Espaços que se modelam com o corpo

«Espaços que se modelam com o corpo» abrange como prática artística, educativa e experimental o conhecimento do corpo e a sua experiência vivencial, sensível e política; corpo que se posiciona nas suas diversidades culturais e etárias.

—
Corpos que são bordas: fronteiras conversa com Alexis Salas, Carlos Antunes e Luis Felipe Ortega

24 JAN sábado 15h00–16h00
Gratuito

Laboratório de Criação Fronteiras Permeáveis Laboratório coreográfico de site-specific,

com Noeli Kikuchi
21 MAR sábado 14h30–17h30
Limitado a 10 participantes
Valor 8 €

Workshop & Experiência Criativa Poéticas de hibridismos em arte contemporânea, com Pedro Gramaxo

14 FEV sábado 14h30–17h30
Limitado a 20 participantes
Valor 8 €

—
Visitas à exposição Mediação e convivência criativa com as escolas, com Jorge Cabrera

27 JAN–20 MAR, terça a sexta-feira, 10h00–16h00
1h30 a 2h00 de duração
Gratuito (inclui materiais)

Visitas orientadas com o público, com Jorge Cabrera
Programadas a 31 JAN, 28 FEV e 7 MAR, sábados, 17h00–18h00
Gratuito

Informações e inscrições:



HORÁRIO

Terça a sábado
14h00 às 18h00
Encerrado nos feriados

ORGANIZAÇÃO

Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

ARTISTA

Luis Felipe Ortega

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Daniel Madeira
Lisiane Mutti

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Daniel Alves da Silva
Fernando Oliveira

ASSISTÊNCIA À PRODUÇÃO

Ivone Antunes

COMUNICAÇÃO

Isabel Campante

ASSISTÊNCIA À COMUNICAÇÃO

Daniel Alves da Silva
Fernando Oliveira

MONTAGEM

Jorge das Neves (coordenação)
Marco Graça
Fernando Oliveira

IDENTIDADE GRÁFICA

João Bicker
Alexandra Oliveira

DESIGN GRÁFICO

Lucas Yamamoto

TEXTO

Daniel Madeira

REVISÃO

Carina Correia

TRADUÇÃO

José Roseira

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA EDUCATIVO

Jorge Cabrera

APOIOS INSTITUCIONAIS

Direção-Geral das Artes
Rede Portuguesa de Arte Contemporânea (RPAC)
Câmara Municipal de Coimbra
Universidade de Coimbra
Ministério da Cultura, Juventude e Desporto da República Portuguesa
Secretaria de Relaciones Exteriores México
Embaixada do México em Portugal
Pladur
Tintas Robbialac

AGRADECIMENTOS DO ARTISTA

Luis Felipe Ortega agradece às seguintes instituições mexicanas pelo seu apoio: Governo do México,

Secretaria de Relaciones Exteriores, Embaixada do México em Portugal. Agradece igualmente às seguintes pessoas que colaboraram para tornar este projeto possível: Bruno Figueroa, Alejandra Barajas, Teresa Espinosa, Lizett Aceves, Mariana Mora, Camilo Ortega, Daniel Montero, Adrián White, Alfonso Cornejo, Emiliano J. Pardo, Diego Téllez, Galería Le Laboratoire, Carlos Antunes, Désirée Pedro, Daniel Madeira, Fernando Oliveira, Jorge das Neves.

CAPC

DIREÇÃO

Carlos Antunes
Désirée Pedro
Valdemar Santos
Pedro Pousada
Ana Felino

ASSEMBLEIA GERAL

António Olaio
Luísa Lopes
Manuela Azevedo

CONSELHO FISCAL

João Bicker
Ivone Antunes
Joana Monteiro

CONSELHO ARTÍSTICO

António Olaio
Pedro Pousada

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

Daniel Madeira

DIREÇÃO FINANCEIRA
Rafael Vaz André | Abilis

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Lisiane Mutti

FOTOGRAFIA

Jorge das Neves

CÍRCULO SEDE

Rua Castro Matoso, 18
3000–104 Coimbra

CÍRCULO SEREIA

Casa Municipal da Cultura, piso -1
Parque de Santa Cruz, Jardim da Sereia
3000–401 Coimbra

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Terça a sábado,
14h00 às 18h00

MUSEU

Av. João das Regras, 28
Praça Cortes de Coimbra
24 horas, todos os dias

CONTACTOS

+351 910 787 255
geral@capc.com.pt

Corpos que são bordas: fronteiras — Luis Felipe Ortega

Exposição
24/01/2026
21/03/2026

→ Círculo Sereia

círculo de Artes Plásticas de Coimbra

www.capc.com.pt
@capc_coimbra

910 787 255
geral@capc.com.pt

ter-sáb
14 h-18 h

ARTES

rpac

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

COIMBRA

Declaração do artista:

Há muitos anos que o meu trabalho procura incidir sobre a forma como o espaço expositivo deve ser ocupado, entendido como um lugar de percursos, de tensão entre o corpo de quem visita e a escultura, o desenho e as imagens que intervêm na arquitetura do museu. Interessa-me intensificar a experiência afetiva dos corpos, das coisas e das imagens. Por isso, pretendo trabalhar *in situ*, compreendendo o museu como um campo relacional e, naturalmente, como um espaço para nos pensarmos no presente: a partir da experiência de habitar a exposição. Daí o título desta exposição no CAPC Sereia, em Coimbra: *Corpos que são bordas: fronteiras*.

Trata-se de um percurso entre geometrias, linhas, volumes e ruídos que desemboca nas imagens do rio Amazonas: o rio como protagonista de um lugar de vida, o rio como agente vivo que respira profundamente.

A ocupação do espaço para a minha exposição nas quatro galerias do CAPC Sereia procura interferir nos corpos de quem visita, concentrando-se nas múltiplas formas pelas quais o olhar do público está sempre mediado pelo corpo e, inevitavelmente, pelas maneiras como este se relaciona com o espaço escultórico e o arquitetónico. Dessa experiência, emergem várias questões: que vemos? que não vemos? que relação mantemos com os limites entre o dentro e o fora? onde começa a paisagem e onde termina a arquitetura? onde está a obra e quem determina a sua existência enquanto escultura? que vemos ou, mais ainda, que é possível ver?

—

Biografia do artista:

A obra de Luis Felipe Ortega responde ao pensamento contemporâneo por meio da apropriação de palavras, frases e ideias de escritores, cineastas, filósofos, músicos e artistas, criando um mapa híbrido de relações. A partir dessa matéria-prima, desenvolve ações, vídeos, desenhos, esculturas e instalações que colocam em tensão o enquadramento da obra e o corpo do espectador, evidenciando a dimensão política da arte. O horizonte, o vazio e o silêncio surgem recorrentemente como lugares de chegada e de recomeço na sua produção.

Nascido na Cidade do México, em 1966, Ortega formou-se em Filosofia e Letras pela UNAM. Desde o início da década de 1990, escreveu para diversas publicações e editou revistas independentes. Em 2002, realizou uma residência no International Studio & Curatorial Program (ISCP), em Nova Iorque, tendo recebido distinções como o Sistema Nacional de Creadores e o programa Jóvenes Creadores do FONCA.

Representou o México na 56.^a Bienal de Veneza (2015) e participou em diversas bienais internacionais, entre as quais o Anozero'19 – Bienal de Coimbra, a Bienal de Praga, a Bienal de Tirana e a Bienal de Gwangju. Realizou exposições individuais em instituições como o Museo Amparo, o Museo Experimental El Eco e o Mattatoio–MACRO (Roma). A sua obra integrou igualmente numerosas exposições coletivas em museus e centros de arte na América, Europa e Ásia.

Paralelamente à sua prática artística, desenvolve atividade pedagógica, tendo lecionado em várias universidades e escolas de arte no México.

Corpos que são bordas: fronteiras

Fronteira: espaço de simultânea pluralidade e unicidade, comunidade e isolamento encontram-se à superfície da palavra numa fricção difícil de repetir noutras dicotomias. Podemos sempre começar por questionar a necessidade da sua criação, e essa será por certo uma pergunta difícil. Entre a vocalização e a objetualidade pensamos também se a primeira fronteira foi nomeada ou construída. Ou se construção será sempre o termo, independentemente da correspondência no vocabulário ou na alvenaria. Se o questionamento é lançado sobre a fronteira, devemos também olhar para os elementos habitualmente preteridos na sua presença — o corpo e o espaço. Perante a presença impositiva da divisa, a montante o corpo encontra um limite operativo e o espaço, um limite ontológico. A jusante, as questões políticas e sociais que os corpos carregam fazem também do limite problematização da própria ontologia do ser. A fronteira deve igualmente ser categorizada — é visual, topográfica, geográfica, sonora? Este ser amorfo moldado pela realidade contemporânea existe para lá desse contingente. No limite da tal relação ontológica, a fronteira é outro corpo, e o corpo pode ser fronteira — o corpo é inevitavelmente fronteira temporária.

Após esta reflexão inicial, podemos afirmar que o espaço onde nos encontramos deseja ser fronteira. Não como simples linha de separação, mas como outro limite ontológico. Para que algo seja fronteira, precisa antes de ultrapassar uma fronteira: a da sua própria condição anterior. Toda a fronteira é efeito e origem.

Neste espaço, sendo corpo, os problemas são evidentes. Não reconhecemos o lugar onde estamos e os obstáculos assomam de diferentes origens. O corpo deve ultrapassar uma fronteira comportamental ligada ao seu próprio vício para saber ocupar. Há uma revolta arquitetónica, o espaço parece querer deixar de ser fronteira dele mesmo. Impõe-se, provoca lugares de impermanência — aqui, somos o que sobra da vontade da matéria do espaço. A tensão entre espaço, arquitetura e escultura contribui para uma maior indefinição desta vontade. O espaço deixa de ser um mero recetáculo e passa a agir como matéria ativa; a arquitetura, privada da sua função estabilizadora, revela-se como estrutura em conflito consigo mesma; e a escultura recusa a autonomia do objeto para se afirmar como corpo fenomenológico. Nenhuma destas instâncias se impõe plenamente sobre as outras. Antes, friccionam-se, contaminam-se e anulam-se parcialmente, produzindo um campo de instabilidade onde a vontade do espaço não se deixa fixar. O que emerge não é uma hierarquia clara, mas um regime de coexistência tensa, no qual os limites entre suporte, forma e experiência se tornam porosos. Indefinição como condição operativa: é nela que o corpo é convocado a negociar a sua presença, a medir-se com um espaço que não se oferece como cenário, mas como fronteira em permanente reconfiguração.

—Daniel Madeira